



# Continuar Portugal

Boletim Juvenil On-Line

Ano II – Nº 22 – 2015 SETEMBRO

## SALAZAR disse ...

«... e que é pelo menos imprudente deixar em mãos estranhas algumas das posições mestras da economia de um país. Acresce que em muitos casos – e precisamente nos mais importantes – a participação capitalista não usa desinteressar-se dos fins e da direcção do empreendimento. Eu sei que se fala muito em internacionalismo económico e de solidariedade e de cooperação entre as nações, mas não posso esquecer que, se há elementos da riqueza ou da produção que não interessam a uma economia estrangeira senão pelos benefícios do seu rendimentos, outros tendem a ocupar, ainda no presente momento, dentro dessa economia o lugar deixado vago na economia nacional. Um país que preza a independência tem de acautelar-se de criar pontos vulneráveis tanto nas suas finanças como na sua economia».

(Proferido pelo Prof. Salazar no prefácio da 4ª edição do Volume Primeiro dos Discursos 1928 – 1934).

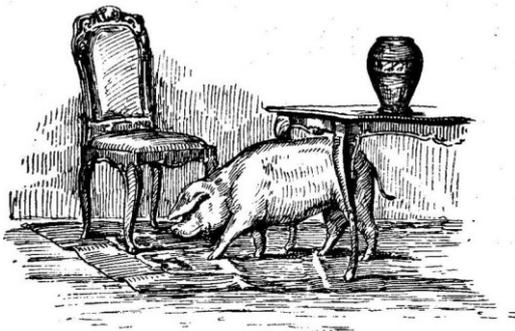
... /// ...

## O MUNDO PORTUGUÊS

Livro de Leitura para o  
Ensino Técnico Profissional

### **O CÃO E O PORCO<sup>1</sup>**

Um dia, uns grandes senhores da província foram viver para a corte. Por qualquer motivo — estas coisas, nas fábulas, nunca se justificam bem — ficou no palácio com o velho mordomo um galgo de estimação. Como lá não tinha os donos, o cão não parava em casa. Ia até ao jardim; passeava nas grandes ruas de buxo e murta tosquiada; rebojava-se no quinteiro,



(Continua<sup>1</sup> 1 de 3)

## HISTÓRIA

### **2ª DINASTIA<sup>2</sup>**

Continuação da Guerra da  
Independência — Conquistas além-mar  
— Navegação e descobrimentos dos  
Portugueses

### **D. JOÃO I — o de «BOA MEMÓRIA» (1385 — 1433)**



**Condestável do Reino** D. João I logo a seguir à sua aclamação, conferiu a D. Nuno Álvares Pereira o alto cargo de **Condestável do Reino**, que quer dizer

(Continua<sup>2</sup> 1 de 29)

João Gomes – Lisboa

[www.oliveirasalazar.org](http://www.oliveirasalazar.org) – [info@oliveirasalazar.org](mailto:info@oliveirasalazar.org) – TM: 962296833

sobre as hortaliças verdes e viçosas, com grande escândalo do hortelão; corria atrás das galinhas e cometia, frequentes vezes, a incorrecção, muito censurável, de ir visitar um grande e filosófico porco que o mordomo tinha a engordar no cortelho. Ao fim de alguns dias, o porco e ele eram os melhores amigos do mundo.

— Nunca saíste daqui? — perguntou, um dia, o cão ao seu amigo.

— Às vezes levam-me até àquele azinhal, lá baixo, sobre o rio.

— Tem uma linda vista.

— Nunca reparei.

— Então vais lá e não vês?

— Só vejo a bolota que está no chão.

— E ao palácio nunca foste?

— Nunca fui.

— Não fazes ideia das maravilhas que lá há!

— Muito de comer?

— Não. Salas muito ricas. Se visses os espelhos, onde eu me miro, e as tapeçarias onde me deito, ficavas deslumbrado!

— Não me deixam lá entrar.

— Ora, meu amigo! Quantos porcos, desde que o mundo é mundo, têm vivido em palácios!

— O porteiro, quando me vê, enxota-me.

— Mas eu ensino-te um caminho, pela adega.

— Pois então, vamos lá.

O porco rebolou, ajoelhou, ergueu-se, enorme, pacífico, e acompanhou o galgo até à adega. Ao canto, antes de chegarem ao lugar, bocejavam os primeiros degraus duma escada que dava acesso para a copa e para a sala dos alabardeiros. O cão indicou-lha, num gesto do seu focinho inteligente, e preveniu, para tranquilizar o amigo:

— Vai descansado. Eu fico aqui, de guarda.

(Continua)

Castela.

**Batalha de Trancoso** Enquanto isto se passava, um troço de castelhanos invadiu Portugal e, tendo passado por Almeida e Pinhel, chegou até Viseu.

Uma hoste disciplinada de portugueses, comandada por Martins Vasques da Cunha e Gonçalo Coutinho, partiu ao encontro do inimigo que foi completamente derrotado nas proximidades de *Trancoso*.

**Batalha de Aljubarrota** O rei de Castela, a quem a quem a sorte das armas tinha corrido desfavorável, resolveu invadir novamente Portugal com um poderoso e luzido exército, formado por cerca de 32 mil homens!

Entrando pela Beira, e depois de ter subjugado os patriotas de algumas terras por onde passou, seguiu em direcção a Leiria.



D. João I e D. Nuno, reunindo as suas melhores tropas, num total de pouco mais de 6 mil homens, no meio dos quais sobressaía a *Ala dos Namorados* (na qual seguiram Rui de Vasconcelos e Mem Rodrigues, era formada por estudantes da Universidade de Coimbra, resolveram impedir o avanço

(Continua)

— E se vier alguém?

— Eu ladro, e tu desces.

O honrado porco chegou lá acima, percorreu todas as salas do palácio, fossando debaixo dos sofás, rebolando-se nas alcatifas, espreitando, afocinhando, farejando, sem encontrar aquilo que seria a expressão da suprema delícia para os seus sentidos: qualquer coisa de imundo onde chafurdasse, onde cravasse as presas, onde mergulhasse o focinho rosado e coriáceo. Quando o porco desceu, pela mesma escada da adega por onde subira, desapontado, furioso, — o cão, que o esperava em baixo, perguntou-lhe:

— Então, gostaste?

— Ora, meu amigo, temos conversado!

— Não te deslumbraram tantas riquezas?

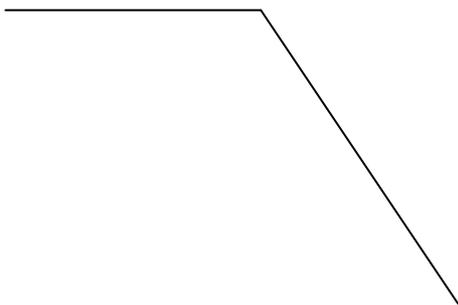
— Quais riquezas? Eu não vi lá senão miséria!

— Miséria, lá em cima?

— Sim, senhor. Andei por todas as salas, fossei por todos os cantos — e não encontrei nem uma casca!

Digo-lhes aqui, muito em segredo, que este apólogo tem a sua moralidade. Como queremos nós que certas pessoas sintam a arte e a beleza — se elas nasceram com a vista baixa, o horizonte estreito e a natureza grosseira deste honrado porco?■

JÚLIO DANTAS  
Os Galos



dos castelhanos, para o que tomaram posições de combate nos campos de Aljubarrota.

Os dois exércitos encontraram-se no dia 14 de Agosto de 1385. Em face da grande diferença de número entre os combatentes, Nun'Álvares anima a sua gente com palavras de conforto e patriotismo, repassado de fé em Deus e na Virgem. Trava-se depois uma grande batalha, que terminou pela derrota completa dos invasores. O rei de Castela, abandonando o campo, mesmo antes de a luta terminar, fugiu a toda a pressa para Santarém e dali para Lisboa, onde embarcou para Sevilha.

Portugal assegurou, nesse dia memorável, a sua independência; estava livre do perigo castelhano.

**Batalha de Valverde** Após a batalha de Aljubarrota, D. Nuno passou à ofensiva. Saindo de Estremoz com um reduzido exército, invadiu o reino de Castela pela fronteira de Badajoz e derrotou mais uma vez os castelhanos na batalha de *Valverde* (Outubro de 1385).

**Tratado de Paz** Apesar de estar absolutamente garantida a independência do reino com as contínuas derrotas infligidas aos castelhanos, as hostilidades continuaram ainda durante alguns anos. O rei de Castela, porém, sentindo-se cada vez mais enfraquecido, propôs a paz, que só veio a assinar-se em 1441. Assim terminou a *Guerra da Independência*, que durara 27 anos.

**Aliança Inglesa** A nossa aliança com a Inglaterra, estabelecida por D. Fernando (1373), foi confirmada e reforçada por D. João I (Tratado de

(Continua)

Windsor — 1386). Devido a este novo tratado de aliança e amizade — que ainda hoje se mantém — ficou combinado o casamento do rei de Portugal com D. Filipa de Lencastre, filha do Duque de Lencastre, casamento que depois se efectuou em 1387. A rainha D. Filipa foi um perfeito modelo de raras virtudes, tendo contribuído muito para o brilho e felicidade da corte portuguesa e esmerada educação de seus filhos, que, por seus grandes feitos, vieram a tornar-se todos célebres.

**Os filhos de D. João I** Os filhos de D. João I que mais se notabilizaram foram: — *D. Duarte*, que sucedeu a seu pai e que foi um bom rei e distinto escritor; *D. Pedro*, que se revelou um grande estadista pelo seu bom governo durante a menoridade de seu sobrinho D. Afonso V; *D. Henrique*, que fundou a *Escola Náutica de Sagres* e foi o iniciador dos nossos descobrimentos marítimos; e *D. Fernando* — o Santo, pelos martírios que padeceu em Fez.



**Fundação da Casa de Bragança** D. João I casou um seu filho natural D. Afonso, com D. Beatriz, filha única de D. Nuno Álvares Pereira,

(Continua)

Condestável de Portugal, tendo então os cônjuges recebido o condado de Barcelos (1401).

Ao mesmo D. Afonso foi dado mais tarde o título de Duque de Bragança, resultando desse casamento o tronco da Casa reinante do mesmo nome.

**Conquista de Ceuta** Portugal sentia necessidade de expandir-se. Os filhos mais velhos de D. João I, *D. Duarte*, *D. Pedro* e *D. Henrique*, querendo mostrar o seu valor militar, resolveram continuar a luta contra os mouros, em África. Por isso lembraram ao pai a conquista de Ceuta, cidade muçulmana, rica e importante, ao norte daquele continente.

Uma esquadra de cerca de 200 navios, levando a bordo a melhor gente de Portugal, e em que seguiam o próprio rei, aqueles seus três filhos e o valoroso Condestável D. Nuno Álvares Pereira, largou do Tejo no dia 25 de Julho de 1415.

No dia 21 de Agosto do referido ano estava às portas de Ceuta. Nesse mesmo dia procedeu-se ao desembarque, e a praça foi tomada de assalto, muito se tendo distinguido na luta os infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, que ali foram armados cavaleiros.

**Escola Náutica – Primeiros descobrimentos** O Infante D. Henrique, depois de voltar de Ceuta, sempre dominado pelo sentimento patriótico de descobrir e tomar novas terras, abandonou a Corte e retirou-se para Sagres, onde fundou uma *escola náutica*.

Aí aprenderam os marinheiros portugueses a arte de navegar. Foi esta escola mantida à custa dos próprios

(Continua)

rendimentos do Infante, que originou a *Epopeia Marítima* dos nossos descobrimentos.

Sob a direcção do Infante D. Henrique, foram lançadas à água as primeiras caravelas que partiram a desfazer as lendas do *Mar Tenebroso*, em busca de terras desconhecidas.

Assim, em 1418, *João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira*, cavaleiros da casa do Infante, partindo com uma frota, descobriram a ilha de *Porto Santo*.



Caravela portuguesa do século XV

No ano seguinte, os mesmos, acompanhados por *Bartolomeu Perestrelo*, voltaram a Porto Santo e depararam com outra ilha a que deram o nome de *Madeira*.

Por alturas de 1431, *Gonçalo Velho Cabral* chegou à ilha de *Santa Maria (Açores)*.

**Era de Cristo** *Era de César*, pela qual D. João I determinou que na Península se contavam os anos, fosse substituída pela *Era de Cristo*. Ao ano de 1460 da Era de César, em que tal medida foi outorgada, correspondia o ano de 1422 da era cristã, 38 anos mais moderna do que aquela.

(Continua)

**Frei Nuno de Santa Maria** D. Nuno Álvares Pereira, o consumado herói da Independência Nacional, depois de bem ter servido a Pátria, entrou para o Convento de Nossa Senhora do Carmo (1423), que ele fundara em Lisboa, e aí viveu, até morrer, com fama de Santo, sob o nome de *Frei Nuno de Santa Maria*.

**Mosteiro da Batalha** Este Mosteiro, também conhecido pelo nome de Igreja de *Santa Maria da Vitória*, foi mandado construir por D. João I para comemorar a batalha de Aljubarrota, em satisfação de uma promessa a Nossa Senhora.

É um dos mais sumptuosos monumentos de Portugal, cuja obra se atribui ao distinto arquitecto *Afonso Domingues*. As cinzas de D. João I, bem como as de todos os seus filhos, encontram-se ali sepultadas.



**D. DUARTE — o «ELOQUENTE»**  
(1438 — 1488)



(Continua)

**Descobrimientos marítimos** No reinado de D. Duarte, e ainda sob a direcção do Infante de Sagres, continuaram os descobrimientos.

Em 1434, *Gil Eanes* passou o Cabo Bojador, com o que deixou, assim, caminho aberto a novos empreendimentos para as bandas do sul.

Em 1436, *Afonso Gonçalves Baldaia* descobriu o Rio do Ouro.

**A Lei Mental** Algumas terras que faziam parte dos bens da coroa tinham sido doadas e distribuídas, o que fez empobrecer o Tesouro que, em dado momento, se encontrou sem rendimentos necessários para fazer face às despesas públicas.

Para remediar este mal, foi por D. Duarte promulgada uma disposição que veio regulamentar as heranças doadas pelo rei. Chama-se-lhe *Lei Mental*, porque D. João I já a trazia na mente e a aplicava, mesmo sem a ter publicado.

**Expedição a Tânger** A conquista de todas as praças do norte de África continuava a ser a maior aspiração do Infante D. Henrique. Por sua instância e de seu irmão D. Fernando concordou o rei D. Duarte em que se organizasse uma armada com o fim de conquistar Tânger (1437).

A expedição partiu, mas os portugueses foram mal sucedidos. Para lá não terem de ficar todos mortos ou prisioneiros, fizeram uma proposta ao inimigo, segundo a qual entregariam Ceuta, se lhes fosse facilitado o reembarque para Portugal. Os moiros aceitaram, mas exigiram como refém o Infante D. Fernando.

Logo que os expedicionários

(Continua)

regressaram ao reino, foram convocadas cortes em Leiria para se tratar da libertação de D. Fernando. Como tais cortes deliberassem rejeitar a entrega de Ceuta, os moiros fizeram então transportar o Infante D. Fernando para Fez, onde morreu (1443) com o epíteto de *Infante Santo*, pela grande resignação cristã com que sofreu, durante seis anos, todos os martírios e vexames a que os infiéis o sujeitaram.

**Morte de D. Duarte** O reinado de D. Duarte foi muito curto; durou apenas 5 anos e poucos dias. Este rei faleceu em Tomar (1438), vitimado por uma peste terrível que, no seu tempo, flagelou o País. Era muito ilustrado e bondoso. Entre outras obras de merecimento, escreveu três livros notáveis: *Leal Conselheiro*, *Arte de bem Cavalgar toda a Sela* e *Livro da Misericórdia*. Por se ter assim dedicado às letras, mereceu da História o cognome de Eloquentes.

#### **D. AFONSO V — o «AFRICANO» (1438—1481)**



**Regência do Infante D. Pedro** D. Afonso V tinha pouco mais de seis anos, quando faleceu D. Duarte.

(Continua)

Por isso, ficou a governar como regente, sua mãe, D. Leonor. Como a grande maioria dos portugueses não simpatizava com D. Leonor, resolveram as cortes entregar a regência do reino ao infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e tio de D. Afonso V. A regência de D. Pedro foi proveitosa para a nação, e nem outra coisa era de esperar, atendendo ao seu carácter, à sua prudência e grande ilustração (D. Pedro, de quem se diz que correu as sete partidas do mundo fez longas viagens pela Europa, Ásia e África. Escreveu a obra *Da virtuosa benfeitoria* e traduziu o *De officis de Cícero*).

Logo que D. Afonso V chegou à maioridade (1448), D. Pedro entregou-lhe as rédeas do governo, retirando-se em seguida para Coimbra, onde tinha o seu castelo e as suas terras.

**Batalha de Alfarrobeira** Governava D. Afonso V há pouco mais de um ano, quando, por intrigas do Paço, se convenceu de que o Infante D. Pedro, seu tio e sogro, ambicionava apoderar-se do Trono.



Sabedor do facto, resolveu D. Pedro partir de Coimbra em direcção à Corte, para esclarecer a verdade, e pedir ao mesmo tempo justiça contra os seus caluniadores. Como se fazia acompanhar de alguma gente armada, o

(Continua)

o rei, tomando este gesto por provocação e rebeldia, mandou tropas ao seu encontro. O embate das duas hostes deu-se em *Alfarrobeira* (próximo de Alverca), onde, a pelejar, perderam a vida o infante D. Pedro e o seu íntimo amigo D. Álvaro Vaz de Almada, *conde de Avranches* (1449).

Observação — Entre os Inimigos de D. Pedro, que mais contribuíram para esta catástrofe, distinguiu-se seu irmão bastardo D. Afonso, conde de Barcelos, depois duque de Bragança. Este ducado fora criado pelo Infante D. Pedro, quando regente, a favor do mesmo seu irmão D. Afonso.

### **Continuação dos descobrimentos**

Orientada ainda por D. Henrique, a obra dos descobrimentos marítimos continuava metodicamente.

Em 1441, *Nuno Tristão* chegou ao *Cabo Branco*.

Em 1445, o mesmo e *Álvaro Fernandes* descobriram a *foz do Senegal* (*Senegâmbia*).

No mesmo ano, *Dinis Dias* atingiu toda a *costa da Guiné* até ao *Cabo Verde*.

Em 1460, *Diogo Gomes* e *António de Nola* descobriram o *Arquipélago de Cabo Verde*.

Por esta época (1460), falecia em Sagres o Infante D. Henrique, legando à Pátria a empresa imorredora dos *Descobrimientos dos Portugueses*, que tanto contribuiu para o bom-nome de Portugal e progresso da civilização.

Mas a sua formidável obra estava lançada e, por isso, os descobrimentos prosseguiram:

Em 1469, *Fernão Gomes* aportou à *Costa da Mina*.

Em 1470, *João de Santarém* e *Pedro Escobar* descobriram as ilhas de *S. Tomé e Príncipe*. *Fernando Pó* encontra a *ilha* do mesmo nome e a de

(Continua)

*Ano Bom.*

Em 1472, *Álvares Cabral* passava o *Equador*.

**Conquistas em África** D. Afonso V, possuidor de um temperamento guerreiro, resolveu continuar em África as conquistas de terras aos moiros, iniciadas por D. João I, seu avô.

Em 1458, tomou-lhes, *Alcácer-Ceguer*. Em 1471, caíram em seu poder *Arzila* e *Tânger*, pelo que recebeu o título de *Africano*.

A partir desta época, e devido a tais conquistas, começaram os soberanos portugueses a denominar-se: *Reis de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África*.

**Batalha de Toro** D. Afonso V, por ter ajustado esponsais com D. Joana, única filha do rei de Castela, quis fazer valer os seus direitos ao trono daquele país.

Invadiu então o reino de Castela, tendo-se travado a *Batalha de Toro* (1476), que teve resultados negativos para a causa do nosso rei, muito embora as tropas portuguesas tivessem dado mostras de muita intrepidez e de grande valor combativo.

Nesta batalha tornou-se célebre o alferes Duarte de Almeida, o *Decepado*, a quem fora confiada a gloriosa Bandeira Portuguesa, sagrado símbolo da Pátria.



(Continua)

Para a poderem tomar, cortaram-lhe ambas as mãos. Por último, segurou-a ainda *entre os dentes*, só a largando quando, exausto de forças, cheio de golpes e cutiladas, caiu do cavalo. Duarte de Almeida ficou prisioneiro dos castelhanos, mas o estandarte nacional foi recuperado pelo escudeiro português *Gonçalo Pires*, que o arrancara das mãos do inimigo.

**Ordenações Afonsinas** Com este nome foi publicada, durante a regência de D. Pedro, a primeira colecção de leis portuguesas, principiada a compilar desde o tempo de D. João I.

Observação – Foi neste reinado que em Portugal se introduziu a *Imprensa*, aperfeiçoada por *Gutemberg*, célebre, alemão.

A *Ordem Militar da Torre e Espada* também foi instituída nesta época.

D. Afonso V jaz na Batalha.

## D. JOÃO II — o «PRÍNCIPE PERFEITO» (1481 — 1495)



**Engrandecimento do poder real** Quando D. João II tomou conta do governo, a nobreza gozava de muita influência e grandes privilégios. Com o fim de fortalecer o poder da coroa, o rei atraiu a si as simpatias populares,

(Continua)

tratando por outro lado de tirar aos fidalgos e grandes do reino certas regalias, e revogar muitas doações que, por seu pai, D. Afonso V, lhes tinham sido concedida.

**Conspiração da nobreza** Perante este acto de força, os membros da nobreza, irritados e despeitados, tentaram resistir, preparando duas conspirações contra o rei.

D. João II, figura austera e superior, cognominado, com justiça, de *Príncipe-Perfeito*, não temeu a luta e foi terrível a repressão:

O *duque de Bragança*, D. Fernando, chefe da primeira conspiração, foi preso e degolado em Évora.

O *duque de Viseu*, cunhado e primo de D. João II, também instigador da segunda, foi pelo próprio rei apunhalado em Setúbal.

Além destes, muitos fidalgos foram desterrados, outros morreram na prisão.

**Descobrimientos** Depois de garantido e assente em bases sólidas o poder real, D. João II continuou a empresa feliz dos descobrimientos: Em 1481, *Diogo de Azambuja* fundou na costa da Guiné o castelo e povoação de *S. Jorge da Mina*.

Em 1482, *Diogo Cão* descobriu o rio *Zaire* e o *reino do Congo*, percorrendo no ano seguinte toda a costa de *Angola*.

Em 1488, *João Afonso de Aveiro* chegou às terras de *Benim*, e *Bartolomeu Dias* dobrou o *Cabo das Tormentas* (por D. João II denominado da *Boa Esperança*), com que se desfez o fatal encanto do *Gigante Adamastor* e se abriu o caminho do mar a novos empreendimentos para as bandas do Oriente.

No momento em que isto acontecera, já D. João II tinha mandado por terra para colherem notícias do caminho marítimo da Índia, *Pêro da Covilhã* e *Afonso de Paiva*. Nenhum destes viajantes conseguiu regressar a Portugal. Porém, o primeiro, tendo ido até à Índia, veio depois a Sofala, donde pôde enviar ao rei as informações necessárias.

Não coube a D. João II a glória de ter levado a cabo o glorioso empreendimento, porque a morte o surpreendeu antes de se encontrar definitivamente concluída a expedição que para tal fim estava a organizar-se.

**Entrada dos Judeus** D. João II permitiu que os judeus expulsos de Espanha pelos *reis católicos*, Fernando e Isabel, dessem entrada em Portugal, mediante o pagamento de certo imposto e ainda com a cláusula de não se poderem demorar no reino mais de oito meses. Se desobedecessem, ficariam escravos (1492).

Desta medida foram, porém, excluídos aqueles que desempenhavam profissões de grande proveito e utilidade.

**Descoberta da América** Vivia em Portugal, onde aprendera a ciência da navegação, um genovês chamado *Cristóvão Colombo*. A este navegador parecia-lhe possível e mais fácil descobrir a Índia pelo Ocidente. Por isso, ofereceu-se a D. João II para efectuar a viagem, proposta que foi rejeitada.

Em 1492, então ao serviço do rei de Castela, descobriu *Cristóvão Colombo* o *Novo Mundo* ou *América*.

**Tratado de Tordesilhas** Estando D. João II convencido de que as terras descobertas por Colombo pertenciam a

Portugal, mandou preparar uma expedição do comando de D. Francisco de Almeida para ocupar aquelas terras e garantir ali os nossos direitos.

O rei de Castela, sabendo isto, entrou logo em negociações com o monarca português, as quais terminaram pelo *Tratado de Tordesilhas*, firmado em 7 de Julho de 1494.

Nesse tratado se estipulou que pertenceriam a Portugal todas as terras já descobertas ou a descobrir, situadas a oriente de uma linha imaginária, traçada de pólo a pólo do globo terrestre, 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde, e as situadas a oriente da mesma linha pertenceriam a Castela.

**Fundação das Misericórdias** A rainha D. Leonor, viúva de D. João II, senhora dotada de virtudes nobilíssimas, foi em Portugal a fundadora das *Misericórdias* instituição de beneficência para protecção dos infelizes. Entre muitas obras de caridade que criou avulta o *Hospital das Caldas da Rainha*.

**Título do Rei** Em consequência de muitas terras conquistadas neste reinado, o monarca juntou aos títulos que recebera dos seus antecessores mais o seguinte: *Senhor da Guiné*. Jaz na Batalha.



(Continua)

## D. MANUEL I — o «VENTUROSO» (1495— 1521)



**Aclamação de D. Manuel I** D. João II faleceu sem deixar descendentes directos. Morreu de desastre o único filho que tinha, por ter caído dum cavalo na ribeira de Santarém (1491). Por esta razão, sucedeu-lhe no trono, como parente mais próximo, D. Manuel, duque de Beja, que era primo e cunhado de D. João II.

**Expulsão dos judeus e moiros** Em 1496, mandou D. Manuel I expulsar do reino todos os judeus e moiros que se não quisessem converter ao *cristianismo*. Ou que ficaram, por terem abraçado a Fé Cristã, chamavam-se *cristãos-novos*. Esta medida desagradou a uns e agradou a outros, contentando em especial sua esposa, a princesa D. Isabel, filha dos reis católicos de Espanha.

Observação — Mais tarde (em 1505), deu-se na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, um tumulto popular contra os *cristãos-novos* (matança dos cristãos-novos), tendo morrido milhares deles. D. Manuel protegeu então os perseguidos e dissolveu a Casa dos Vinte e Quatro, criada por D. João I, à qual atribuiu as responsabilidades desse motim sangrento. Os judeus e os moiros habitavam bairros especiais, designados, respectivamente, pelos nomes de Judiarias e Moirarias.

(Continua)

**Os grandes descobrimentos** D. Manuel I prosseguiu na senda dos seus antepassados para a realização do maior sonho de Glória, que era a dilatação da Fé e do Império pelos quatro cantos do mundo.

A frota, já preparada por D. João II para a grande *Viagem da Índia*, encontrava-se então reunida na *praia do Restelo*. Compunha-se de três naus (*S. Gabriel*, *S. Rafael e Bérrio*) e uma barça de mantimentos, levando todas, aproximadamente, uma tripulação de 170 homens. Era seu almirante *Vasco da Gama*, e piloto, da nau capitânia, *Pêro de Alenquer*. Assim constituída, e depois de desfraldadas as velas, em que se via a Cruz de Cristo, a armada partiu de Belém com destino à Índia, no dia 8 de Julho de 1497. A 22 de Novembro, dobrava o Cabo da Boa Esperança, a 15 de Abril de 1498 aportava em Melinde, e a 20 de Maio do mesmo ano chegava finalmente a *Calecut* (Índia), depois de ter visitado toda a costa oriental da África. Estava descoberto, por mar, o *Caminho do Oriente!* Esta imortal odisseia, realizada por *Vasco da Gama*, assombrou o mundo.

Em 1500, larga do Restelo uma frota comandada por *Pedro Álvares Cabral*, que, seguindo para o lado ocidental do Atlântico, descobriu *Vera Cruz*, mais tarde chamada Brasil. Em 1501, *Gaspar Corte Real* encontrou a ilha da *Terra Nova*.

Em 1502, *João da Nova* descobriu as ilhas de *Ascensão* e de *Santa Helena*.

**Primeira viagem de circum—navegação** Em 1519, um navegador português, ausente da corte de D. Manuel I, chamado *Fernão de Magalhães*, empreendeu ao serviço de Carlos V, rei de Espanha, a *1ª viagem à volta da Terra*.

(Continua)

Esta empresa foi depois concluída pelo seu companheiro *Sebastião del Cano* (1522), em virtude daquele célebre marinheiro ter morrido numa das ilhas Filipinas, em combate com os indígenas.

**Império Oriental (Conquistas na África e na Índia)** A grandeza e a fama de Portugal eram então celebradas em todo o Mundo. Nem tudo estava, porém, concluído. Mas a cruzada, começada pelo Infante D. Henrique, ia entrar na sua fase decisiva, sob os auspícios do *Rei Venturoso*.

*D. Francisco de Almeida*, 1.º vice-rei da Índia, conquistou, na costa oriental da África, *Mombaça* e *Quíloa* (1505); fundou, no oriente, as fortalezas de *Cananor*, *Angediva* e *Cochim*; e, perto de Dio, desbaratou uma poderosa armada egípcia.

*Afonso de Albuquerque*, 2.º vice-rei, *guerreiro invencível* e conquistador de renome mundial, tomou *Ormuz*, *Goa* e *Malaca*, fundando na Índia um vasto império Português (1507-1511). *Lopo Soares de Albergaria*, 3.º vice-rei, dominou *Colombo*, na ilha de *Ceilão*.

Na África oriental, foram ainda conquistadas várias fortalezas — a de *Safim*, por *Diogo de Azambuja*, e as de *Azamor*, *Tete* e *Almedina*, por *D. Jaime Duque de Bragança*.

**Título do Rei** Depois de descoberto o *caminho marítimo para a Índia* e de assegurado tão grande império, que se dilatava pelos confins da *África*, *Ásia*, *América* e *Oceânia*, D. Manuel I tomou o pomposo título de *Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e*

(Continua)

*Comércio da Etiópia. Arábia, Pérsia e Índia.*

**Embaixada ao Papa** D. Manuel I mandou a Roma uma majestosa embaixada, dirigida por *Tristão da Cunha*. Esta embaixada, que maravilhou quantos a presenciaram, levava riquíssimos presentes para o Papa Leão X, a quem o nosso rei solicitava certas regalias para a Igreja portuguesa.

**Ordenações Manuelinas** Neste reinado foi reformada a *legislação afonsina*. Ao novo Código de leis, acrescentado com todas as disposições promulgadas desde D. Afonso V, deu-se o nome de *Ordenações Manuelinas*.

**Monumentos** No tempo de D. Manuel I foram construídos os seguintes monumentos:

*Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, em Lisboa;*

*Capelas incompletas, no Mosteiro da Batalha;*

*Castelo da Pena, em Sintra;*

*Convento de Cristo, em Tomar.*



Mosteiro dos Jerónimos

Observação – O *Mosteiro dos Jerónimos*, erigido em comemoração da descoberta do caminho marítimo para a Índia, é uma obra

(Continua)

colossal e magnificente. Foi construído por *Boitaca e João de Castilho*. Nelas se encontram sepultadas as cinzas do rei *Venturoso*, seu fundador.

**D. JOAO III — o «PIEDOSO»  
(1521— 1557)**



**Novas descobertas e conquistas** Nesta época continuaram os portugueses a percorrer

os mares orientais e a descobrir novas terras. Foram à *Nova Guiné* e atingiram as costas do *Japão*, tendo conquistado as ilhas *Molucas*, as de *Celebes* e de *Sonda*.

*D. Nuno da Cunha*, governador da Índia, fundou a fortaleza de Dio (1535), que mais tarde sustentou dois cercos terríveis, postos pelos reis de *Cambaia*.

*António da Silveira* distinguiu-se no primeiro cerco (1538). No segundo, notabilizaram-se *D. João de Mascarenhas* e, principalmente, no auxílio que a este prestou, o valente e heróico *D. João de Castro*, ao tempo vice-rei da Índia (1546). *D. João de Castro* marcou também pela nobreza do seu carácter. — Precisando de dinheiro para reconstruir aquela praça, que, após o cerco, ficou em ruínas, pediu-o à câmara de Goa, *entregando como garantia as suas próprias barbas, cujo elevado penhor lhe fora logo devolvido, acompanhado de palavras honrosas e da quantia solicitada.*

(Continua)

**Colonização do Brasil** As terras da Índia tinham sido a constante preocupação dos Portugueses, a quem as suas riquezas (*especiarias, pimenta, chá, sedas, etc.*) seduziam e deslumbravam. Do Brasil ninguém cuidava.

D. João III, porém, guiado por uma intuição feliz, pensou de maneira diferente.

Reconhecendo que o Brasil era manancial de recursos inesgotáveis, tratou logo de os aproveitar. Problema difícil, é certo, mas glorioso para Portugal.

Começou por fazer dividir as terras em fracções de 50 léguas (*capitanias*), medidas ao longo da costa, distribuindo-as em seguida por colonos portugueses que, pagando à coroa certos direitos, ficavam com a obrigação de as cultivar, povoar, defender e evangelizar (1530).

Mais tarde, devido ao aumento da população e a muitos outros progressos, criou um *Governo Geral* e nomeou governador *Tomé de Sousa*, que instalando-se na Baía, fundou a cidade de *S. Salvador*, primeira capital do Brasil (1549).

**Inquisição** O Tribunal do Santo Ofício ou *Inquisição* foi estabelecido neste reinado com assentimento do Papa Paulo III, por bula de 23 de Maio de 1536.

Destinava-se a impedir os abusos e delitos dos herejes contra a Religião Católica, ou crimes graves contra os bons costumes, e a castigar aqueles que os praticassem.

**Protecção às letras — Reforma da Universidade** D. João III evidenciou sempre uma natural inclinação a favor das letras.

(Continua)

A Universidade, que se encontrava em Lisboa desde o tempo de D. Fernando, foi transferida para Coimbra (1537) por D. João III e ali se tem conservado até hoje. O rei favoreceu este estabelecimento de ensino com importantes reformas: criou-lhe novos estatutos e faculdades, deu-lhe alojamento apropriado no Paço de Alcácer e contratou para ela distintos professores nacionais e estrangeiros.

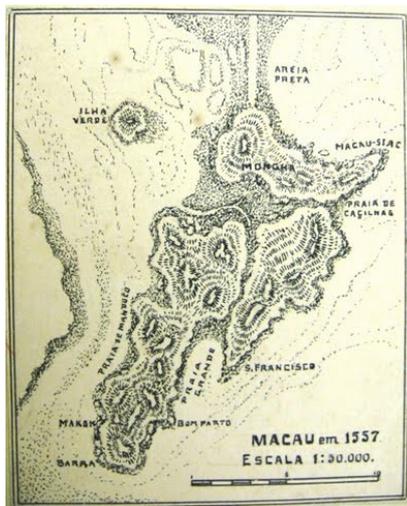
**Companhia de Jesus** *A Companhia de Jesus*, criada por S. Inácio de Loiola, foi introduzida em Portugal a pedido de D. João III (1540). Esta instituição, que tinha por objectivo principal difundir a civilização cristã, prestou a Portugal relevantes serviços, missionando as terras que íamos descobrindo, protegendo e amparando os humildes, educando, instruindo e divulgando a língua portuguesa. Na Índia, tornou-se notável, pela sua acção evangelizadora, *S. Francisco Xavier* — o «Apóstolo das Índias». No Brasil também se distinguiram alguns missionários, tais como: os padres *Manuel da Nóbrega*, *Leonardo Nunes* e *José de Anchieta*.

**Perda de algumas praças em África** As dificuldades com que lutava D. João III para administrar e manter tão grande império, espalhado por todo o mundo, e ainda as enormes despesas que então se faziam na Índia, e depois no Brasil, levaram o rei a abandonar na África as praças de *Safim*, *Azamor*, (1542), *Alcácer-Ceguer* e *Arzila* (1549).

**Fundação de Macau** Como recompensa dos valiosos serviços que prestámos à China contra os piratas malaios, foi consentido pelos chefes daquele país que os Portugueses ali se

(Continua)

estabelecessem e fundassem a *Colônia de Macau* (1557). Nesse mesmo ano morreu D. João III, que jaz no Mosteiro dos Jerónimos.



### D. SEBASTIÃO — o «DESEJADO» (1557 — 1578)



**Regência do Reino** Quando D. João III faleceu, já não era vivo nenhum dos seus nove filhos. Por isso, sucedeu-lhe seu neto, D. Sebastião, que contava, ao tempo, pouco mais de três anos.

Até à sua maioridade, governaram como regentes, primeiro, a avó, D. Catarina de Áustria, e depois o Cardeal D. Henrique, tio-avô de D. Sebastião (1557-1568).

(Continua)

### Conquista de Damão — Colonização do Brasil Pelo vice-rei D. Constantino de

*Bragança* foi conquistada na Índia, durante a regência de D. Catarina, a praça de *Damão* (1559).

Na África foi heroicamente defendida a fortaleza de *Mazagão* por *Álvaro de Carvalho* (1562).

*D. Luís de Ataíde*, *D. Francisco Mascarenhas* e *António Chale* também se notabilizaram, respectivamente, na defesa das praças de *Goa*, *Chaul* e *Chale* (1570).

No Brasil continuava a progredir a colonização: *Mem de Sá* fundou a cidade do *Rio de Janeiro*, mais tarde capital do Brasil.

**D. Sebastião e a batalha de Alcácer-Quibir** Entretanto, o rei atingiu a idade de 14 anos (1568) e assumiu o governo do Estado. Destemido e aventureiro, crente e patriota, D. Sebastião imaginou, desde logo, formar um grande império às portas do seu reino, levando a *Fé de Cristo* ao seio dos grandes senhores de Marrocos.

Embalado por este sonho de glória, surgiu para o rei de Portugal o momento oportuno, que o destino lhe oferecia, de conquistar as terras abandonadas por D. João III e de garantir, na Mauritânia, o predomínio absoluto dos Portugueses; *Mulei-Hamed* fora desapossado do trono de Marrocos por seu tio *Mulei-Moluco*. Aquele, com o fim de recuperar a coroa, mandou pedir auxílio ao nosso rei, prometendo, em recompensa, as fortalezas de *Arzila* e de *Corache*. Em breve, D. Sebastião lho prestava, invadindo a África, à frente de um grande exército.

No dia 4 de Agosto de 1578 deu-se a

(Continua)

célebre batalha de Alcácer-Quibir, em que as tropas portuguesas a despeito dos seus lances de heroísmo, ficaram vencidas. Milhares dos nossos perderam a vida, e os, restantes (afora uns 50 que conseguiram alcançar Arzila e Tânger) caíram prisioneiros. O próprio rei, empunhando a espada que dantes servira a D. Afonso Henriques, arremeteu às cutiladas pelo arraial inimigo e ali desapareceu para sempre.

Apesar da infortunada empresa de D. Sebastião ter coberto de luto a Pátria Portuguesa, não nos é permitido condenar o seu grandioso plano, repleto de puro nacionalismo e de vibrante fé patriótica. D. Sebastião foi tão somente um herói vencido que soube... *morrer, mas devagar*, a combater pelo seu reino e pelo seu povo.

As cinzas que dizem ser deste rei-moço foram mais tarde trazidas para Lisboa (1582) e jazem, a ser verdade o que consta, no Mosteiro da Batalha.

### D. Henrique — o «CASTO» (1578 – 1580)



**Aclamação do Cardeal-rei** D. Sebastião não deixara descendentes directos. Por esse motivo subiu ao trono seu tio (parente mais próximo) o Cardeal D. Henrique, que contava já 66 anos.

(Continua)

**Pretendentes ao trono** A avançada idade de D. Henrique os seus achaques e a circunstancia de ser sacerdote, que lhe não permitia dar sucessor directo à coroa, fizeram agitar o problema da sucessão. Nesta conjuntura, apareceram vários pretendentes ao trono de Portugal. Eram quatro os principais, todos netos de D. Manuel I:

*D. António, Prior do Crato*, filho natural do Infante D. Luís;

*D. Catarina, Duquesa de Bragança*, filha do Infante D. Duarte;

*Filipe II de Espanha*, filho da Infanta D. Isabel;

*D. Manuel Felizberto*, Duque de Sabóia, filho da Infanta D. Beatriz.

Dos quatro pretendentes o que tinha mais direito era a duquesa de Bragança, D. Catarina, por ser sucessora na linha masculina. Por isso, D. Henrique, inclinava-se a seu favor. Descoberto o segredo, logo o rei de Castela encarregou o português traidor e degenerado *Cristóvão de Moura*, que vivia naquela corte, de vir a Portugal. Este, à custa de muitas ameaças feitas ao Cardeal-rei, conseguiu modificar-lhe a opinião, levando-o a concordar na seguinte proposta: reunião de cortes; elas resolveriam quem subiria ao trono.

**Cortes de Almeirim** No dia 11 de Janeiro de 1580 reuniram-se *Cortes em Almeirim*. Contava Filipe II ver



Cortes de Almeirim

(Continua)

indicado o seu nome nessa assembleia. Para tal, tinha Cristóvão de Moura, seu emissário, feito muitas promessas e gastos de dinheiro. D. Henrique, sempre receoso, continuava indeciso. As opiniões dividiam-se. Entretanto, o partido do rei de Espanha parecia aumentar. Foi então que se ergueu a voz do grande patriota Febo Moniz, para protestar contra a escolha de um rei estrangeiro. E as cortes terminaram sem nada terem resolvido.

**A Junta de governadores** D. Henrique, que jaz nos Jerónimos, morreu no dia 31 de Janeiro de 1580, sem qualquer coisa ter decidido, também, respeitante à sucessão. Poucos dias antes de falecer, tinha nomeado uma *Junta de cinco governadores*, para administrarem o reino. A junta era assim constituída: *D. João Telo de Meneses, D. João de Mascarenhas, Francisco de Sá de Meneses, D. Jorge de Almeida (Arcebispo de Lisboa) e Diogo Lopes de Sousa.*

Observação — Neste reinado foram resgatados muitos cavaleiros e fidalgos, prisioneiros dos mouros em *Alcácer-Quibir*.

## INTERREGNO

**Batalha de Alcântara — Perda da independência** A *Junta Governativa*, logo que morreu o Cardeal-rei, tomou conta dos negócios do Estado, mas nada fez em benefício de Portugal. A maioria dos governadores era partidária do rei de Castela, que não desistia das suas pretensões à coroa portuguesa. *D. António Prior do Crato*, aclamado rei em Santarém, foi o único que se lhe opôs.

(Continua)



Nesta altura, Filipe II tinha preparado já um grande exército que, comandado pelo *Duque de Alba*, entrava em Portugal pela fronteira do Alentejo. As poucas tropas portuguesas esperaram o inimigo junto à ponte de *Alcântara*; mas, apesar da bravura com que se portaram, foram derrotadas em Agosto de 1580, porque os castelhanos eram em maioria esmagadora.

O Prior do Crato teve de fugir para França, Portugal perdeu a sua *independência*.

Assim terminou a 2.<sup>a</sup> dinastia dos reis de Portugal, para dar lugar à 3.<sup>a</sup>, conhecida por dinastia da *Casa de Áustria ou Filipina*. ■

História de Portugal  
Ensino Primário  
por Tomás de Barros

